



A POLÍTICA EXTERNA ‘INDEPENDENTE E ATIVA’ DA INDONÉSIA DE JOKOWI A PRABOWO

Com uma linha de continuidade e pragmatismo na sua política externa, o governo da Indonésia procura um equilíbrio ajustável entre as alianças que consolidam quer as relações com o Ocidente quer com o Sul Global, aprofundando a influência económica à escala regional e global. O país, herdeiro da tradição do não-alinhamento, tem adotado uma abordagem “independente e ativa” à política externa, seguindo a lógica de “construtor de pontes”.

Não se pretendendo traçar um esboço da política externa numa perspetiva histórica, importa, neste texto, avaliar a transição de Joko Widodo, também conhecido por ‘Jokowi’ (chefe de Estado de 2014 a 2024) para Prabowo Subianto, presidente da Indonésia desde outubro de 2024 (com eleições em fevereiro e divulgação dos resultados em março)¹ e identificar os elementos mais expressivos da ‘aura’ do novo chefe de Estado ainda que ancorados em linhas de continuidade, como se explicitará de seguida. Começemos por lembrar que a Indonésia foi o país que organizou a Conferência de Bandung de 1955 e que lançou as raízes do não-alinhamento e que desde há décadas tem adotado para a sua política externa o que designa de abordagem “bebas-aktif”, cujo significado é “independente e ativa”, incluindo desempenhar o papel de mediador em situações de conflito (veja-se o caso das visitas que o presidente Joko Widodo fez à Rússia e à Ucrânia, em junho de 2023). Sendo o quarto estado mais populoso do mundo, a Indonésia granjeou uma assinalável influência económica à escala regional e global e assumiu uma preponderância no espaço da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), o que o torna num dos ‘grandes’ dessa realidade tão heterogénea e difícil de circunscrever a que se deu nome de ‘Sul Global’².

Ademais, é membro do G20 e acolheu a cimeira de 2023 por ter presidência do grupo, em Bali, contando com a presença de Xi Jinping. Desde janeiro de 2025 que se tornou membro do BRICS. Também integra o Conselho de Cooperação do Golfo e o Tribunal Internacional de Justiça. Candidatou-se a integrar o Acordo Abrangente e Progressivo para

uma Parceria Transpacífico. A Indonésia posiciona-se, assim, como ator global e assume um protagonismo crescente no Sul Global.

Ser ou não ser dos BRICS... foi uma questão

Perante o alargamento do bloco BRICS, depois chamado de BRICS+, e da cimeira do verão de 2023, a Indonésia distanciou-se e seguiu a posição da ASEAN de equilíbrio. Um exemplo claro da regularidade dos padrões na política externa, que não pode ser dissociada do contexto político interno e seu contexto pré-eleitoral, que se alterou com a vitória de Prabowo, e com a sua abordagem ‘equilibrada’ à In-

Na avaliação da oportunidade dos BRICS, a Indonésia, com relações comerciais muito mais desenvolvidas com a China do que com qualquer dos outros quatro que compõem o acrónimo, estava mais centrada no relacionamento bilateral com aquela.

dia, China e EUA. Tal decisão implicaria sempre pôr-se em causa a confiança da comunidade internacional, especialmente dos EUA e dos seus aliados, e beliscar a tradição de não-alinhamento assim como a prioridade dada aos interesses nacionais.

Adicionalmente, estando em cima da mesa o desejo de potenciar o crescimento do país e a aspiração de o tornar numa

das cinco maiores economias globais até 2045, o presidente Widodo optou por encarar a questão com prudência, alegando que era importante pesar prós e contras da adesão ao grupo e procurando prevenir leituras de que pudesse estar em curso uma deslocação da Indonésia para a órbita da China. Já a ambiguidade revelada aquando da invasão da Ucrânia fora um sinal que suscitou alguma inquietação, bem como a negociação de uma zona de comércio livre com a União Económica Eurasiática.

Esta postura cautelosa insere-se numa lógica do país como “construtor de pontes”. Em 2013, por exemplo, a Indonésia entrou no MIKTA, um fórum composto pelo México, Indonésia, Coreia do Sul, Turquia e Austrália, que tinha como divisa a ideia de um ‘multilateralismo construtivo’. Embora possam ser discutidos o desempenho do MIKTA e da Indonésia como mediadora, é de ressaltar este propósito de alimentar um diálogo entre o Norte e o Sul Globais.

Na avaliação da oportunidade dos BRICS, a Indonésia, com relações comerciais muito mais desenvolvidas com a China do que com qualquer dos outros quatro que compõem o acrónimo, estava mais centrada no relacionamento bilateral com aquela. Além disto, a Indonésia via com bons olhos integrar a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a qual, do continente asiático, só inclui o Japão e a Coreia do Sul. Desde fevereiro de 2024 é o primeiro país do Sudeste Asiático candidato à adesão (e a sétima maior economia mundial em paridade de poder de compra)³.

No entanto, apesar das reservas, não se pode dizer que a Indonésia desconsiderasse os BRICS. Na senda do crescimento e devido às suas necessidades de melho-



rar a produtividade em vários setores econômicos, de migrar para uma economia verde, de fazer a transição energética, da transformação digital, da integração da economia interna, das infraestruturas de conexão e do desenvolvimento da nova capital do país, a Indonésia precisa de aumentar a captação dos investimentos. Como país islâmico, está apostada na relação com os seus congêneres do bloco, nomeadamente, a Arábia Saudita, o Irão, o Egito e os Emirados Árabes Unidos, todas economias poderosas que assumiram papéis dentro do Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS⁴.

A relação com a China é prioritária no domínio do comércio e do investimento, ainda que a assertividade daquela através de muitos meios, mas em especial da *Belt and Road Initiative* e da construção de infraestruturas, gere sentimentos de ambivalência. A ligação aos Estados Unidos incide mais na dimensão securitária. A vitória de Trump trouxe novo *twist* a esta relação.

Por uma Indonésia mais global

Prabowo Subianto (com Sugiono, que não é diplomata, como ministro dos negócios estrangeiros) assumiu funções presidenciais em 20 de outubro de 2024

e anunciou a sua vontade de que a Indonésia pudesse ter maior protagonismo na cena internacional. Neste sentido, o envolvimento com o bloco BRICS como um meio de amplificar a voz da Indonésia surgiu como uma dinâmica natural. Prabowo tem ligações aos Estados Unidos, onde recebeu formação militar. Foi também o último ministro da Defesa de Joko Widodo e presidiu à assinatura de alguns novos acordos na área da defesa quando visitou Washington, em agosto de 2023.

Prabowo acabou por consumir a entrada da Indonésia nos BRICS, ao mesmo tempo que tem demonstrado a importância que dá aos tabuleiros chinês e norte-americano.

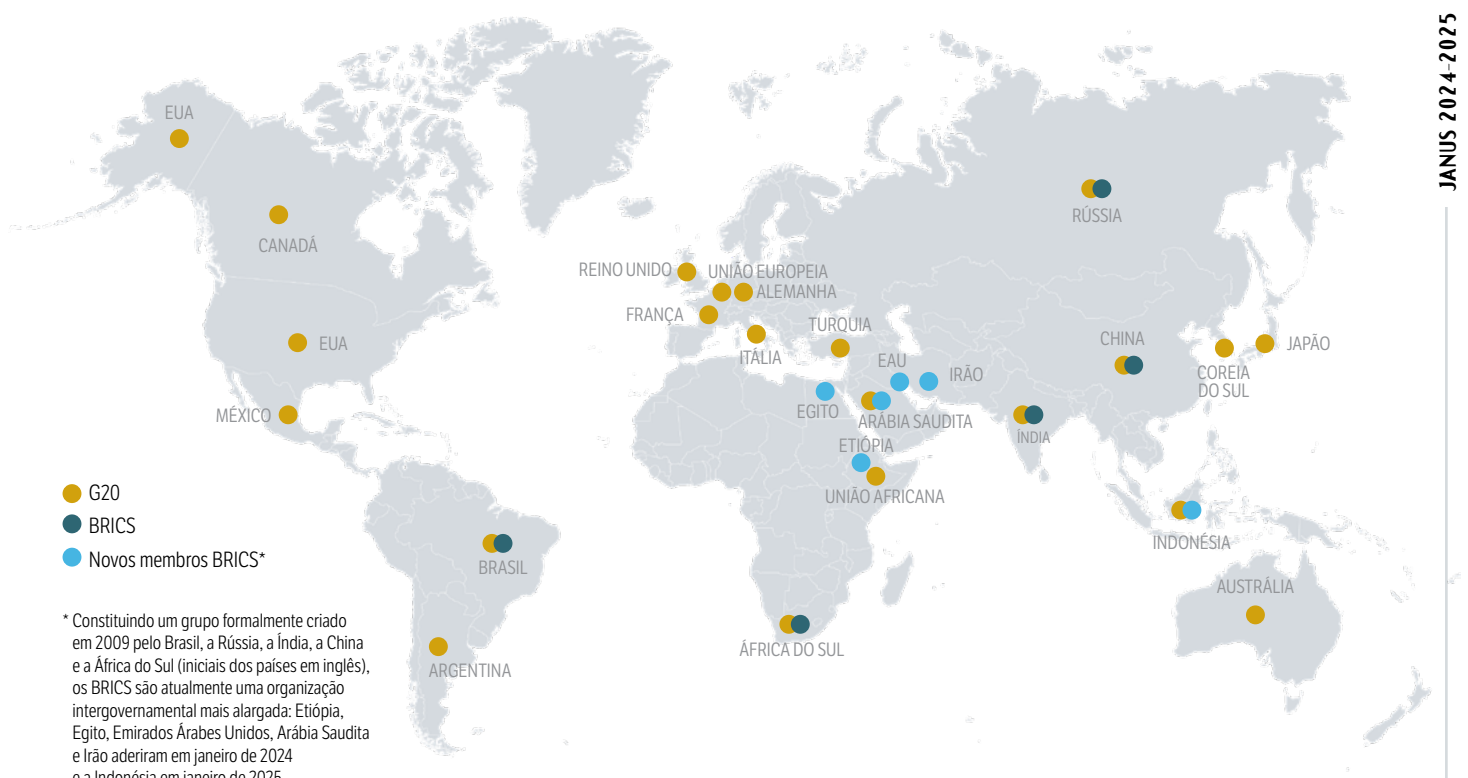
Com os arranjos típicos de alguns países do Sudeste Asiático, a retórica da mudança embutida na continuidade – o vice-presidente, por exemplo, é filho de Joko Widodo – Prabowo acabou por consumir a entrada da Indonésia nos

BRICS (a manifestação da intenção de aderir em outubro de 2024 e efetivada em janeiro de 2025), ao mesmo tempo que tem demonstrado a importância que dá aos tabuleiros chinês e norte-americano. Não é despendendo recordar que há uma parceria estratégica abrangente (CSP, na sigla inglesa) entre a Indonésia e os Estados Unidos, assinada em novembro de 2023, que inclui cooperação setorial na área dos semicondutores que Washington deseja promover não só com a Indonésia como com outros países do Sudeste Asiático (Filipinas e Vietname). Quanto à adesão aos BRICS, esta insere-se na necessidade do novo Presidente de promoção, simultaneamente pessoal e do seu país, e pode criar, como referido, alguns embaraços pelas aproximações que pressupõe, em especial com a China e com a Rússia⁵.

Dando seguimento ao posicionamento de Joko Widodo, Prabowo aspira a tornar a Indonésia numa potência industrial moderna, deixando de ser mera exportadora de matérias-primas como o níquel, a bauxite e o óleo de palma. Prabowo promove uma “política de boa vizinhança”⁶, que se traduz na manutenção de boas relações bilaterais e em parcerias com as potências de importância global

FIGURA 1. PAÍSES MEMBROS DO G20 E PAÍSES MEMBROS DO BRICS

Fonte: Statista, <https://cdn.statcdn.com/Infographic/images/normal/30672.jpeg>





e regional. Desde que assumiu funções, tem feito várias viagens assumindo aquilo que alguns chamam de comportamento de 'status-seeking', isto é, prestígio, visibilidade, organização de eventos de alto nível. Desdobrando-se em visitas de Estado⁷, o Presidente continua a jogar pela regra *bebas-aktif*, clarificando as ambiguidades, por exemplo a propósito do Mar do Sul da China: "defenderei sempre a nossa soberania", advogando parcerias e alegando que "respeita todas as potências"⁸.

O governo indonésio não se afastará do equilíbrio possível e ajustável, aproveitando as boas relações que tem com o Ocidente e com o Sul Global, na linha do que é a marca conservadora da sua política externa. Registe-se, no entanto, que logo após ter tomado posse como chefe de Estado a sua primeira visita oficial foi à China. As ameaças disruptivas de Donald Trump lançam uma sombra de dúvida em relação a esta postura da Indonésia, ainda que, independentemente do estilo da administração americana, o Sudeste Asiático ganhe maior peso num ambiente de maior tensão sino-americana.

Relativamente à ASEAN, os mais 'altos voos' de Prabowo têm apontado para uma atitude de algum desinteresse, mais apostado na afirmação de uma Indonésia global do que nos seus parceiros regionais tradicionais.

Com a Índia, e com vista a uma modernização da Marinha indonésia, foi assinado um acordo de cooperação na área da segurança e defesa, traduzido na aquisição de mísseis supersónicos de cruzeiro Brahmos (7.2.2025). Trata-se de um sistema produzido pela Índia e pela Rússia e que se destaca pela sua versatilidade por poder ser lançado a partir das plataformas terra e ar, navio e submarino. O propósito é preencher a lacuna no sistema de mísseis antinavio em vigor e ter melhor controlo dos *choke points* (estreitos de Malaca, Sunda, Lombok, Makassar, por onde passa cerca de 40% do comércio mundial)⁹.

Algumas das características de personalismo de Prabowo, na sequência de uma linha populista anunciando um maior 'nacionalismo' económico, não se afastam da linha pragmática da política externa indonésia, herdeira da tradição do não-alinhamento e da vontade de afirmação do que, no tempo de Sukarno, se chamava Terceiro Mundo e hoje é, grosso

modo, designado por Sul Global. Apesar de esta linha de equilíbrio pode ser afetada pela atuação da nova administração Trump, não é expectável alteração de monta à supra descrita política externa "livre e ativa". ●

Notas

¹ O contexto pós-eleitoral é analisado por Felix Heiduk, "Setting the Course after Elections in Indonesia", SWP Comment n.º 12, março de 2024. <https://www.swp-berlin.org/publikation/setting-the-course-after-elections-in-indonesia>

² Esta liderança do grupo ASEAN implicou, por diversas vezes, a assunção de posturas mais 'arrojadas' no contexto do ASEAN Way: caso da criação do ASEAN Outlook para o Indo-Pacífico, o Consenso de Cinco Pontos para a crise do Myanmar e a tentativa de dinamizar o Código de Conduta para o Mar do Sul da China. Ver: Song, Xue (2025). New Diplomatic Playbook: ASEAN on Hold, NAM in Limbo, Giants Ahead. *The Diplomat*, 16.1.2025. <https://thediplomat.com/2025/01/indonesias-new-diplomatic-playbook-asean-on-hold-nam-in-limbo-giants-ahead/>

³ OECD - Accession, Key partner: Indonesia. <https://www.oecd.org/en/countries/indonesia.html>

⁴ Conforme descrito por Patrick Dupont, "Why was the Iranian Navy in Jakarta?", *The Diplomat*, 18.11.2022. <https://thediplomat.com/2022/11/why-was-the-iranian-navy-in-jakarta/>

⁵ Para uma análise sobre este tema, consultar Agastya Wardhana e Radityo Dharmaputra, "What BRICS Membership Means For Indonesia's Foreign Policy", *Diplomat*, 24.1.2025. <https://thediplomat.com/2025/01/what-brics-membership-means-for-indonesias-foreign-policy/>

⁶ Ver Premesha Saha, "Prabowo's Indonesia and the Future of India-Indonesia Strategic Ties", Asia Society Australia, 25.01.2025. <https://asiasociety.org/australia/prabowos-indonesia-and-future-india-indonesia-strategic-ties>

⁷ Para uma análise deste assunto, ver Gurjit Singh, "Foreign policy under President Prabowo: Shaping Indonesia's global role", *Orfonline*, <https://www.orfonline.org/english/expert-speak/foreign-policy-under-president-prabowo-shaping-indonesia-s-global-role>

⁸ Conforme constatado por Rushali Saha, "Indonesian foreign policy is still free, more active", *The Interpreter*, Lowy Institute, 11.12.2024. <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/indonesian-foreign-policy-still-free-more-active>

⁹ Sobre esta questão, ver Risyad Sadzikri, Alfa Yoga Amadeus Daryana, "Indonesia's Interest in India's BrahMos: More Than Just a Missile Deal", *Diplomat*, 07.02.2025. <https://thediplomat.com/2025/02/indonesias-interest-in-indias-brahmos-more-than-just-a-missile-deal/>

